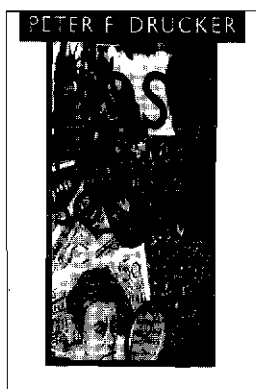


tóricos diferentes (de repressão e abertura democrática), seja pela insuficiência dos dados expostos.

Essas ressalvas, contudo, em nada desmerecem o trabalho da autora, que proporcionará – sem dúvida – um alimento estimulante para a reflexão sobre o tipo de ensino, o tipo de compromisso que educadores e escolas de administração devem ter: estamos formando apenas um detentor de emprego ou aspiramos a mais? e o que é esse mais? Embora a pesquisa seja datada, a análise crítica desenvolvida provoca uma reflexão que deve fazer parte do dia-a-dia do profissional de ensino: com que tipo de educação estamos comprometidos? Por esta razão, a obra é de importância especial para professores, bem como alunos dos cursos de pós-graduação em administração, educação e sociologia.



PETER F. DRUCKER

POST CAPITALIST SOCIETY

de **PETER F. DRUCKER**
Oxford: Butterworth-Heinemann, 1993, 204p.

por **Carlos Osmar Bertero**, Professor do Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos da EAESP/FGV.

Aos que esperam mais um texto do decano dos gurus da administração está reservada uma surpresa. O livro fala de administração, mas não no seu primeiro plano, nem como sua principal preocupação. O livro está dividido em três partes; Sociedade, Política e Conhecimento, dimensões centrais do que Drucker considera a sociedade pós-capitalista, designação provisória para a sociedade e para o momento que vivemos. Drucker não se alinha com os triunfalistas, que ao constatarem o fim do comunismo se rejubilam com a vitória do capitalismo, do qual temos exemplo recente em Fukuyama com o seu *Fim da História*. Acredita que as mesmas forças históricas que sepultaram o comunismo sepultaram também o capitalismo, pelo menos como classicamente definido a partir dos economistas e filósofos sociais do século passado. Lembra que o sistema econômico dos EUA dificilmente poderia ser chamado de capitalismo. A revolução

dos *Managers*, estudada minuciosamente por Alfred K. Chandler e prenunciada na década de trinta por Berle e Means e que retirou dos acionistas a gestão efetiva das empresas, é hoje sucedida pelo fim dos acionistas. Quase 60% das ações de sociedades anônimas norte-americanas são hoje propriedade de fundos de pensão.

Neste contexto, Drucker nos aconselha a pensar rapidamente sobre as alterações que estão ocorrendo e mesmo sobre aquelas que já ocorreram, a fim de evitar que continuemos a tentar entender a realidade através de teorias que já foram arquivadas pelos fatos e pela história.

Se a sociedade capitalista e a ensaiada alternativa comunista tinham na propriedade privada, ou na sua eliminação, um elemento fundamental e legitimador, a nova sociedade, chamada de pós-capitalista, talvez por falta de melhor nome, tem no conhecimento seu ponto focal. É no fundo uma sociedade do conhecimento e isso acaba alterando tanto o mundo das organizações como o da sociedade global, incluindo a política e especialmente o estado.

As organizações capitalistas eram grandes análogos mecânicos voltados à produção em massa, onde o uso da autoridade e da hierarquia asseguravam o controle e a coordenação. O modelo básico da organização capitalista foi o militar, delineado no século XVIII pelo exército prussiano. A organização moderna não se apóia em pessoas com poucas ou nenhuma qualificação, que, sob estreita supervisão, realizam eficientemente suas tarefas após período relativamente curto de treinamento. O que está no centro da organização pós-capitalista é a capacitação sob forma de conhecimento. Se a sociedade capitalista foi a do operário, a pós é a do *Knowledge Worker* ou seja, do conhecedor. Aqui conseqüentemente o tradicional formato organizacional hierarquizado e controlador perdeu funcionalidade e o que temos é um trabalhador com elevada capacitação e uma produtividade derivada do conhecimento e não mais do uso da força física (*manpower*) para movimentar coisas e alterar matérias-primas. Se o modelo capitalista era a organização militar, o modelo pós é provavelmente o da orquestra sinfônica, onde cada membro da organização, um capacitado especialista, que conhece perfeitamente o seu instrumento e a partitura, toca, sem nenhuma intermediação hierárquica, para o próprio maestro. Talvez a empresa pós-capitalista seja aquela onde todos tendem a se reportar ao presidente. Isto leva também a alteração da estrutura ocupacional da sociedade pós-capitalista, onde os que trabalham com rotinas, com pouca qualificação, como os tradicionais operários, tenderá a perder importância, seja como parcela da população economicamente ativa, seja em termos de renda. Os que são "conhecedores" (*Knowledge Workers*) tendem a adquirir importância e aumentar sua participação na renda nacional e a ascender sócio-economicamente. Estas tendências criam certos problemas para as sociedades

desenvolvidas, onde o operariado vem decaindo da posição que havia conquistado de classe média, e particularmente para as sociedades em desenvolvimento, onde, por definição, o conhecimento é escasso e os trabalhadores com pouca qualificação, a conhecida mão-de-obra barata, deixa de constituir um diferencial competitivo.

A outra grande questão levantada por Drucker diz respeito às funções e ao papel do Estado no pós-capitalismo. Até quase o seu final, o século XX caracterizou-se por expandir o estado, chegando ao megaestado. Após Keynes, o estado passou a ser o permanente fomentador da economia, assegurando que nunca se caísse na recessão. No percurso, o estado seria o formulador da política econômica e finalmente o grande gerador do bem-estar de todos e o responsável pela consecução de todos os objetivos sociais necessários à distribuição dos resultados do esforço econômico. Numa palavra surgiu o *Welfare State*, que prosperou rapidamente em quase todas as sociedades ricas. O megaestado tinha que contar necessariamente com uma grande receita. No início do século, a carga tributária das principais nações européias não excedia 5% do PIB. Atualmente isto oscila entre 24% e 33%. Isto simplesmente porque ao se discutirem orçamentos públicos o que se contempla em primeiro lugar são as despesas, para posteriormente se cuidar das receitas com que cobri-las. Acontece que não há limite ao número de nobres causas e projetos merecedores da atenção do Estado. Há, todavia, uma clara limitação de receita. O não reconhecimento desta limitação e a insistência em política tributária como instrumentos de redistribuição da renda (quase sempre de pouca eficácia) levaram a enormes *déficits* públicos e à própria inviabilização do megaestado. O recuo social democrata europeu e o triunfo no mundo de língua inglesa do *thatcherismo* e da *reaganomics*, seguida de George Bush, marcaram o cansaço geral e o descrédito do megaestado. Infelizmente, pelo menos nos EUA, Reagan-Bush produziram grande retórica mas nenhuma redução no déficit público que se expandiu a níveis historicamente sem precedentes. Com o megaestado soterrado pelo *Welfare State* e ainda piorado pelo neoliberalismo o que resta? Drucker advoga uma redução do Estado e de suas funções, o que ao final acaba sendo uma proposta liberal. Mas com a ressalva de que o Estado é razoável formulador, porém mau executor. Não faltam exemplos de boas políticas pessimamente executadas pelo poder público. Sua sugestão é que o Estado continue formulando, mas sempre que possível deixe de executar. A guerra fria ao terminar também atingiu de certa forma o megaestado, cuja consolidação foi em muito ajudada pela longa bipolarização militar apenas recentemente encerrada.

A outra questão é a do tipo de conhecimento que surge e é necessário na sociedade pós-capitalista. O que é uma pessoa "bem-educada"? A resposta a esta pergunta

comportou na sociedade ocidental algumas alternativas. No final do século, e até meados do século atual, não se colocava em dúvida que a formação em **humanidades** era indispensável para que a pessoa fosse culta. Tal modelo foi posto em xeque pela segunda Revolução Industrial e o desenvolvimento das especializações.

Embora as humanidades continuassem integrando os programas de formação da maioria dos países do ocidente, poucos se dedicavam a elas, e especialmente os mais brilhantes. Estas enveredavam pelas profissões técnicas com predomínio da engenharia. Hoje todos reconhecem que as profissões tradicionais já deixam de fazer sentido em muitos contextos. Porém o que se deve colocar no lugar? Não podemos esperar que as especializações acabem, ou mesmo diminuam. Ao contrário, deverão aumentar. Mas o que definirá a "pessoa educada" "será sua capacidade para entender os diversos **conhecimentos**" (p.197). Perguntas sobre as diversas áreas de conhecimentos, como "Do que trata? O que tenta realizar? Quais suas principais preocupações? Quais as principais teorias? Que novos *insights* produziu? Quais as áreas onde pouco se sabe? E quais as perspectivas e desafios?" (p.197). É a capacidade de formular e responder a estas questões que caracterizará o conhecimento de uma pessoa educada na sociedade pós-capitalista. E exemplos do **conhecimento** pós-capitalista já podem ser encontrados como a nova matemática da teoria do Caos, as alterações que a física da matéria está produzindo na geologia, as mudanças que a história vem sofrendo com a utilização da psicologia, da estatística e de outras tecnologias. A educação na sociedade pós-capitalista continuará sendo questão fundamental, porém com a diminuição relativa da importância da escola. Educação e escolarização passaram a ser sinônimos ao longo da sociedade capitalista. Isto está deixando de ser verdade.

Outras organizações já surgem e realizam tarefas educativas. As empresas já se destacam, mas outras ainda surgirão como agências governamentais e muitas organizações sem fins lucrativos já começam a se fazer presentes enquanto educadoras.

O escopo do livro de Drucker como se pode constatar é amplo. Não é voltado a questões de administração, excluindo-se claramente os aspectos gestionários ou administrativos. Fala mais como um cientista social, elaborando sobre questões muito amplas e básicas. Certamente Peter Drucker não é grife de sucesso assegurado entre cientistas sociais, como é certamente entre empresários, profissionais e estudiosos da administração. Porém o seu texto deixa claro que se movimenta com desembaraço em tópicos clássicos de educação, sociologia, economia e ciência política. Uma coisa é inegável, a capacidade de Drucker trazer os tópicos sociais para o debate e para reflexão dos que estão de diversas maneiras envolvidos com administração. Só por esta razão, o livro é merecedor de atenção.